



Câmara Municipal da Estância Turística de Joanópolis

PROJETO DE LEI Nº 17 DE 22 DE JULHO DE 2025 PODER LEGISLATIVO

Dá denominação de “Riviera dos Pássaros” ao Residencial conhecido por “Santa Fé III” e denomina as ruas existentes no referido residencial, localizado no Município de Joanópolis.

O Prefeito Municipal da Estância Turística de Joanópolis, Estado de São Paulo, usando de suas atribuições legais, faz saber que a Câmara Municipal da Estância Turística de Joanópolis decreta e ele sanciona e promulga a seguinte Lei:

Art. 1º Passa a denominar-se **Riviera dos Pássaros**, o Residencial conhecido como Santa Fé III, localizado no km 7,5 da Rodovia José Augusto Freire, no Município de Joanópolis-SP.

Art. 2º Passa a denominar-se **Alameda Bem-te-vi**, a via pública provisoriamente denominada Rua Projetada 01, que inicia nas coordenadas -22.964358; -46.319607, com uma extensão de 105 metros, findando nas coordenadas -22.964260; -46.320471, localizada no Residencial conhecido como Santa Fé III, Município de Joanópolis.

Art. 3º Passa a denominar-se **Alameda Tucano**, a via pública provisoriamente denominada Rua Projetada 02, que inicia nas coordenadas -22.964523; -46.320062, com uma extensão de 330 metros, findando nas coordenadas -22.966150 -46.319234, localizada no Residencial conhecido como Santa Fé III, Município de Joanópolis.

Art. 4º Passa a denominar-se **Alameda Pardal**, a via pública provisoriamente denominada Rua Projetada 03, que inicia nas coordenadas -22.964237, -46.319574, com uma extensão de 60 metros, findando nas coordenadas -22.964025, -46.319462, localizada no Residencial conhecido como Santa Fé III, Município de Joanópolis.

Art. 5º Passa a denominar-se **Alameda Arara-Azul**, a via pública provisoriamente denominada Rua Projetada 04, que inicia nas coordenadas -22.965735 -46.319506, com uma extensão de 360 metros, findando nas coordenadas -22.965453, -46.319797, localizada no Residencial conhecido como Santa Fé III, Município de Joanópolis.

Art. 6º Passa a denominar-se **Alameda Beija-flor**, a via pública provisoriamente denominada Rua Projetada 05, que inicia nas coordenadas -22.963613, -46.320311, com uma extensão de 90 metros, findando nas coordenadas -22.963562, -46.320354, localizada no Residencial conhecido como Santa Fé III, Município de Joanópolis.

Art. 7º Passa a denominar-se **Alameda Rouxinol**, a via pública provisoriamente denominada Rua Projetada 06, que inicia nas coordenadas -22.963411, -



Câmara Municipal da Estância Turística de Joanópolis

46.320175, com uma extensão de 80 metros, findando nas coordenadas -22.963621, -46.320170, localizada no Residencial conhecido como Santa Fé III, Município de Joanópolis.

Art. 8º Passa a denominar-se **Alameda Falcão**, a via pública provisoriamente denominada Rua Projetada 07, que inicia nas coordenadas -22.965731, -46.319662, com uma extensão de 105 metros, findando nas coordenadas -22.964837, -46.319806, localizada no Residencial conhecido como Santa Fé III, Município de Joanópolis.

Art. 9º Fica alterada a Lei Municipal nº 2.085 de 2021, em sua ementa e em todos os dispositivos onde constar “Santa Fé III” passa a constar “Riviera dos Pássaros”.

Art. 10. Caberá ao Poder Público Municipal providenciar no prazo de 60 (sessenta) dias, contados da promulgação da presente lei, a necessária colocação das placas denominativas das vias públicas em questão, procedendo-se, ainda, aos registros e comunicações dela decorrentes.

Art. 11. As despesas relativas à execução da presente Lei correrão por conta das dotações próprias do Poder Público Municipal, suplementadas se necessário.

Art. 12. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICATIVA

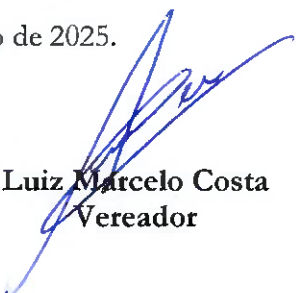
Cuida-se de atender pedido da presidente da Associação dos Proprietários do atual Residencial Santa Fé III. A escolha da nomenclatura oficial para “Riviera dos Pássaros” objetiva distinguir dos demais já existentes “Santa Fé I” e “Santa Fé II”. Além disso, tal denominação vai ao encontro do desejo dos moradores, proporcionando uma identidade alinhada às características e aspirações daquela comunidade. O nome escolhido representa a beleza natural da região.

A denominação das ruas tem o intuito de promover uma melhor organização e identificação dos logradouros, facilitando a localização dos endereços.

Seguem anexos os registros referentes aos pássaros escolhidos como denominação das referidas ruas e demais documentos complementares de cada uma delas, conforme determina a Lei Complementar nº 30/2021.

Demais considerações serão desenvolvidas em plenário.

Joanópolis, 22 de julho de 2025.


Luiz Marcelo Costa
Vereador

Câmara Municipal de Joanópolis
PROTOCOLO Nº 858-17.
DATA 23/7/25 HRS 16:04
SS 16



Bem-te-vi

O **bem-te-vi** (português brasileiro ou **bem-te-vi-de-coroa** (português europeu) (nome científico: ***Pitangus sulphuratus***) é uma espécie de ave passeriforme da família dos tiranídeos. Sua área de ocorrência se estende por diversos países da América; do sul do Texas até a Argentina. É um pássaro adaptado ao ambiente urbano, sendo encontrado em praças, parques e áreas de vegetação alteradas pelo homem. Com cerca de 23 centímetros, o bem-te-vi tem uma coloração parda no dorso; amarela viva na barriga; uma listra branca no alto da cabeça e o bico é preto e achatado. Sua vocalização é bastante popular e dela deriva vários nomes comuns.

Os únicos representantes do género *Pitangus* eram o bem-te-vi e a espécie *Pitangus lictor*,^[2] porém atualmente só uma espécie enquadra-se neste género, o próprio bem-te-vi. A espécie *Pitangus lictor* agora é sinónima da atual *Philohydor lictor*, o bem-te-vizinho.^[3]

Etimologia

Os nomes comuns "bem-te-vi"^[4] e "triste-vida" são onomatopeias do canto da ave.

O nome «bem-te-vi-de-coroa» ^{[5][4]} foi escolhido pelo CBRO em 2015 e co-optado pelo Boletim da Língua Portuguesa nas Instituições Europeias para o português de Portugal, sendo que o apostro «de-coroa» foi acrescentado ao nome comum generalista «bem-te-vi», por molde a evitar confusões com outras espécies de bem-te-vis.

A espécie é, ainda, conhecida pelos indígenas como **pituã**, **pitaguá** ou **puintaguá**. Outras apelações existentes são **triste-vida**, **bentevi** (esta grafia não é reconhecida pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa),^[6] **bem-te-vi-verdadeiro**, **tiuí**, **teuí** e **tic-tiui**. O nome comum "pituã" é oriundo do tupi *pita'wã*.^[7]

Na Argentina, é conhecido como *bichofeo*, *vinteveo* e *benteveo*; na Bolívia, como *frío*; e, na Guiana Francesa, como *quiquivi* ou *qu'est-ce qu'il dit*.^[8]

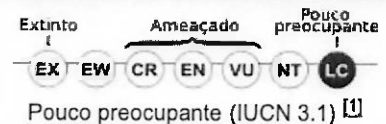
Quanto ao nome científico, *Pitangus sulphuratus*, o nome genérico provém do étimo *pitangúagûasu* ("pitauá grande"), forma pela qual os índios tupis chamavam a ave;^[9] ao passo que o epíteto específico provém do latim *sulphuratus* ("semelhante a enxofre"),^[10] pela cor amarela como enxofre do ventre da ave.

Bem-te-vi



0:43

Estado de conservação



Classificação científica

Reino: Animalia
 Filo: Chordata
 Classe: Aves
 Ordem: Passeriformes
 Família: Tyrannidae
 Género: ***Pitangus***
 Espécie: ***P. sulphuratus***

Nome binomial

Pitangus sulphuratus
 (Linnaeus, 1766)

Distribuição geográfica

Morfologia



Bem-te-vi no Jardim Botânico de São Paulo

Constitui em uma ave de médio porte, medindo entre de 22 e 25 cm de comprimento para aproximadamente 60 gramas. Tem uma coloração parda no dorso; amarela viva na barriga; uma listra (sobrancelha) branca no alto da cabeça, acima dos olhos; cauda preta. O bico é preto,

achatado, longo, resistente e um pouco encurvado. A garganta (zona logo abaixo do bico) é de cor branca. Não há dimorfismo sexual entre a espécie.



Distribuição do bem-te-vi

Sinónimos

Saurophagus sulphuratus Swainson, 1832

Ocorrência

É uma ave típica da América Latina, com uma distribuição geográfica que se estende predominantemente do sul do México à Argentina, uma área estimada em 16 000 000 quilômetros quadrados.^[11] Entretanto, pode também ser encontrada no sul do Texas e na ilha de Trinidad. Foi introduzida nas Bermudas em 1957, importada de Trinidad,^[12] e na década de 1970 em Tobago. Nas Bermudas, são a terceira espécie de ave mais comum, podendo atingir densidades populacionais de 8 a 10 pares por hectare.^[13]

É um habitante bem conhecido em todas as regiões brasileiras, podendo ser encontrado em cidades, matas e ambientes aquáticos como lagoas e rios. Pode-se vê-lo facilmente cantando em fios de telefone, em telhados ou banhando-se nos tanques ou chafarizes das praças públicas. Como podemos ver, possui grande capacidade de adaptação.

É uma das aves mais populares no Brasil. Anda geralmente sozinho, mas pode ser visto em grupos de três ou quatro que se reúnem habitualmente em antenas de televisão.

Lista de países onde pode ser encontrado em todo o território nacional

<u>Belize</u>	<u>Bermudas</u>	<u>Brasil</u>	<u>Costa Rica</u>	<u>El Salvador</u>
<u>Guiana Francesa</u>	<u>Guiana</u>	<u>Nicarágua</u>	<u>Paraguai</u>	<u>Suriname</u>
	<u>Trinidad e Tobago</u>	<u>Uruguai</u>	<u>Venezuela</u>	

Lista de países onde pode ser encontrado em parte do território

<u>Argentina</u>	<u>Bolívia</u>	<u>Colômbia</u>	<u>Equador</u>	<u>Honduras</u>
<u>Guatemala</u>	<u>México</u>	<u>Panamá</u>	<u>Estados Unidos</u>	<u>Peru</u>



Tucano

Os **tucanos** são aves que correspondem à família **Ramphastidae**, vivem nas florestas tropicais da América Central e América do Sul. A família inclui cinco gêneros e mais de quarenta espécies diferentes. Possuem bicos notavelmente grandes e coloridos, que possuem a função de termorregulação para as muitas espécies que passam muito tempo na copa da floresta exposta ao sol tropical quente.^[1]

São aves arborícolas restritas aos neotrópicos, sendo encontradas desde o México até o Brasil. Algumas espécies habitam florestas tropicais úmidas de baixa altitude, enquanto outras habitam bosques mais temperados, em cordilheiras, a altitudes de até 3000 m.

Taxonomia e sistemática

O nome deste grupo de aves é derivado do termo tupí para essas aves: *tu'kã*.^[2] A família inclui os tucanos, araçarís, saripocas e tucaninhos; parentes mais distantes incluem várias famílias da subordem Pici.

Lista de gêneros e espécies

Existem cinco gêneros existentes na família dos tucanos:^[3]



Andigena laminirostris por John Gould

Classificação científica

Reino: Animalia
 Filo: Chordata
 Classe: Aves
 Ordem: Piciformes
 Família: **Ramphastidae**

Gêneros

- *Aulacorhynchus*
- *Pteroglossus*
- *Andigena*
- *Selenidera*
- *Ramphastos*



Tucano

Imagem	Gênero	Espécies ^[4]
	<i>Aulacorhynchus</i>	- Tucaninho-da-serra-madre-do-sul (<i>Aulacorhynchus wagleri</i>) - Tucaninho-esmeralda (<i>Aulacorhynchus prasinus</i>) - Tucaninho-da-garganta-azul (<i>Aulacorhynchus caeruleogularis</i>) - Tucaninho-de-garganta-branca (<i>Aulacorhynchus albivitta</i>) - Tucaninho-de-nariz-amarelo (<i>Aulacorhynchus atrogularis</i>) - Tucaninho-dos-tepuis (<i>Aulacorhynchus whitellianus</i>) - Tucaninho-de-bico-sulcado (<i>Aulacorhynchus sulcatus</i>) - Tucaninho-verde, ou Tucaninho-das-pontas-castanhas (<i>Aulacorhynchus derbianus</i>) - Araçari-de-dorso-encarnado ou tucaninho-de-rabadilha-vermelha (<i>Aulacorhynchus haematopygus</i>) - Tucaninho-de-huallaga (<i>Aulacorhynchus huallagae</i>) - Tucaninho-de-cinta-azul (<i>Aulacorhynchus coeruleicinctis</i>)
	<i>Pteroglossus</i>	- Araçari-miudinho-de-bico-riscado (<i>Pteroglossus inscriptus</i>) - Araçari-miudinho (<i>Pteroglossus viridis</i>) - Araçari-de-pescoço-vermelho (<i>Pteroglossus bitorquatus</i>) - Araçari-de-bico-de-marfim (<i>Pteroglossus azara</i>) - Araçari-de-bico-marrom (<i>Pteroglossus manae</i>) - Araçari-castanho (<i>Pteroglossus castanotis</i>) - Araçari-de-bico-listrado (<i>Pteroglossus sanguineus</i>) - Araçari-de-bico-branco (<i>Pteroglossus aracan</i>) - Araçari-de-colar (<i>Pteroglossus torquatus</i>) - Araçari-de-bico-laranja (<i>Pteroglossus frantzii</i>) - Araçari-de-bico-claro (<i>Pteroglossus erythropygius</i>) - Araçari-cinta-dupla (<i>Pteroglossus pluricinctus</i>) - Araçari-mulato (<i>Pteroglossus beauharnesii</i>) - Araçari-banana (<i>Pteroglossus bailloni</i>), antes classificado como <i>Bailloni</i> <i>bailloni</i>
	<i>Andigena</i>	- Tucano-de-flancos-amarelos (<i>Andigena laminirostris</i>) - Tucano-de-peito-cinza (<i>Andigena hypoglauca</i>) - Tucano-de-capuz (<i>Andigena cucullata</i>) - Tucano-de-peito-azul (<i>Andigena nigrirostris</i>)
	<i>Selenidera</i>	- Saripoca-de-bico-esverdeado, (<i>Selenidera spectabilis</i>) - Saripoca-de-coleira (<i>Selenidera reinwardtii</i>) - Saripoca-de-bico-castanho (<i>Selenidera nattereri</i>) - Araçari-negro (<i>Selenidera piperivora</i>) - Araçari-poca (<i>Selenidera maculirostris</i>) - Saripoca-de-bico-amarelo, (<i>Selenidera gouldii</i>)



Xilogravura de um tucano



Ramphastos

- Tucano-de-peito-amarelo (*Ramphastos sulfuratus*)
- Tucano-do-chocó (*Ramphastos brevis*)
- Tucano-de-peito-citrino (*Ramphastos citreolaemus*)
- Tucano-de-bico-preto (*Ramphastos vitellinus*)
- Tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*)
- Tucano-de-mandíbula-preta (*Ramphastos ambiguus*)
- Tucano-grande-de-papo-branco (*Ramphastos tucanus*)
- Tucanuçu (*Ramphastos toco*)

Descrição

Os tucanos variam em tamanho do araçari-miúdo-de-bico-riscado (*Pteroglossus inscriptus*), com cerca de 130 g e 29 cm, ao tucano-toco (*Ramphastos toco*), que possui cerca de 680 g e 63 cm. Seus corpos são curtos e compactos. A cauda é arredondada e varia em comprimento, desde a metade até todo o comprimento do corpo. O pescoço é curto e grosso. As asas são comprimento médio e arredondadas, geralmente com a mesma envergadura que as medidas do bico à cauda da ave. As pernas e pés do tucano são fortes e bastante curtas, com pés zigodáctilos (dois dedos direcionados para frente e dois para trás), típicos de animais que trepam em árvores.



O tucano-toco é a maior espécie de tucano.

A maioria dos tucanos não apresenta nenhum dimorfismo sexual e a sexagem pode ser feita por análise de seu DNA.^[5]

As penas do gênero que contém os maiores tucanos são geralmente roxas, com toques de branco, amarelo e escarlate e preto. As partes inferiores dos araçarís são amarelas, cruzadas por uma ou mais faixas pretas ou vermelhas. Os tucanos têm plumagem principalmente verde com manchas azuis.

O bico colorido e grande, que em algumas espécies grandes mede mais da metade do comprimento do corpo, é a marca registrada dos tucanos. Apesar de seu tamanho, o bico do

tucano é muito leve, devido à sua estrutura interna esponjosa.^[6] A parte superior é constituída por trabéculas de sustentação e a parte inferior é de natureza óssea. Não é um bico forte, já que é muito comprido e a alavanca, (maxilar) não é suficiente para conferir tal qualidade. Possui serrilhados voltados para a frente no bico parecidos com dentes, o que historicamente levou naturalistas a acreditar que os tucanos capturavam peixes e eram principalmente carnívoros; hoje sabe-se que comem principalmente frutas. O bico grande do tucano possui a função de termorregulação, sendo um eficiente dissipador de calor.^{[7][8]}

A língua do tucano é longa (até 15 cm), estreita, cinza e singularmente puída em cada lado, aumentando sua sensibilidade como órgão de degustação. Seu sistema digestivo é extremamente curto, o que explica a sua base alimentar, já que as frutas são facilmente digeridas e absorvidas pelo trato gastrointestinal.^[9]

Um complexo estrutural provavelmente exclusivo dos tucanos envolve a modificação de várias vértebras da cauda. As três vértebras posteriores são fundidas e presas à coluna por uma articulação de bola e soquete. Por causa disso, os tucanos podem virar a cauda para a frente até tocar a cabeça. Pousados no galho, dormem com a cauda elevada e cobrindo a cabeça, a qual é mantida virada para as costas.^[10]



O araçari-miudinho-de-bico-riscado é a menor espécie de tucano.



Araçarís-poca têm bicos menores que tucanos do gênero *Ramphastos*.



Pardal

Passer é um gênero da família Passeridae, também conhecido como **pardal**. O gênero inclui o *P. domesticus* e o *P. montanus*, algumas das aves mais comuns no mundo. São pequenos pássaros com bicos grossos para comer sementes, e são, na sua maioria, de cor cinza ou marrom. Nativo no Velho Mundo, algumas espécies foram introduzidas em todos os continentes.

Taxonomia

Estudos realizados por Arnaiz-Villena *et al.* examinaram as relações evolutivas do gênero *Passer* com outros membros da família Passeridae, e de membros do gênero em relação ao outro. De acordo com um estudo realizado por Arnaiz-Villena *et al.* publicado em 2001, o gênero se originou na África e o *P. melanurus* é a linhagem mais basal. As linhagens específicas dentro do gênero, como o *P. domesticus* e outros pardais da região paleoártica, são provavelmente provenientes do sul e oeste da África.^{[1][2]}

Sub-espécies

Estas são as espécies reconhecidas pelo *Handbook of the Birds of the World*,^[3] com exceção do *P. hemileucus*, a separação de que a partir do *P. insularis* foi reconhecido pelo BirdLife International, em 2010.^[4] Além dessas espécies vivas, há fósseis questionáveis, desde o Mioceno Inferior,^[5] e o *P. predomesticus* é do Pleistoceno Médio.

- *Passer ammodendri* Gould, 1872
- *Passer castanopterus* Blyth, 1855
- *Passer cordofanicus* Heuglin, 1871
- *Passer diffusus* (Smith, 1836)
- *Passer domesticus* (Linnaeus, 1758)
- *Passer emini*bey (Hartlaub, 1880)
- *Passer euchlorus* (Bonaparte, 1851)
- *Passer flaveolus* Blyth, 1844
- *Passer gongonensis* (Oustalet, 1890)
- *Passer griseus* (Vieillot, 1817)
- *Passer hemileucus* Ogilvie-Grant & Forbes, 1900
- *Passer hispaniolensis* (Temminck, 1820)
- *Passer iagoensis* (Gould, 1837)
- *Passer insularis* Sclater & Hartlaub, 1881
- *Passer italiae* (Vieillot, 1817)
- *Passer luteus* (Lichtenstein, 1823)
- *Passer melanurus* (Statius Müller, 1776)
- *Passer moabiticus* (Tristram, 1864)
- *Passer montanus* (Linnaeus, 1758)
- *Passer motitensis* Smith, 1836
- *Passer predomesticus* Tchernov, 1962
- *Passer pyrrhonotus* Blyth, 1845
- *Passer rufocinctus* Fischer & Reichenow, 1884
- *Passer rutilans* (Temminck, 1835)
- *Passer shelleyi* (Sharpe, 1891)
- *Passer simplex* (Lichtenstein, 1823)
- *Passer suahelicus* Reichenow, 1904
- *Passer swainsonii* Rüppell, 1840

Pardal



Passer domesticus (macho)

Classificação científica

Reino: **Animalia**
 Filo: **Chordata**
 Classe: **Aves**
 Ordem: **Passeriformes**
 Família: **Passeridae**
 Gênero: ***Passer***
 Brisson, 1760

Sub-espécies

Ver texto.

Sinónimos

- *Pyrgita* Cuvier, 1817
- *Corospiza* Bonaparte, 1850
- *Auripasser* Bonaparte, 1851
- *Sorella* Hartlaub, 1880
- *Ammopasser* Zarudny, 1880



Um grupo misto de pardais do gênero *Passer* contendo um *P. montanus*, um *P. domesticus* macho uma fêmea de *P. hispaniolensis*, se alimentando de grãos na cidade de Baikonur, no Cazaquistão.

Descrição



Um *P. motitensis* no Parque Nacional Marakele, na África do Sul.

Estes pardais são pequenos pássaros marrons e/ou acinzentados, muitas vezes com manchas pretas, amarelas ou brancas. Normalmente tem 10 a 20 cm de comprimento, mas variam em tamanho: o *P. eminibey*, tem 11,4 cm e 13,4 gramas, o *P. gongonensis*, tem 18 cm e 42 gramas.^{[6][7]} Possuem bicos cônicos grossos.^[8] Todas as espécies têm canções semelhantes ao canto do *P. domesticus* *chirrup* ou *tschilp*, e alguns, embora não sejam o *P. domesticus*, têm canções elaboradas.



P. griseus, em Ruanda.

Distribuição

A maioria das aves são encontradas naturalmente em habitats abertos nos climas mais quentes da África e sul da Eurásia. Estudos sobre a evolução sugerem que o gênero se originou na África.^[1] Várias espécies se adaptaram com a habitação humana podendo viver na maioria das cidades urbanas, e isso permitiu que o *P. domesticus*, em particular, em estreita associação com os seres humanos, ampliasse o seu alcance na Eurásia bem além do que foi, provavelmente, seu lar original no Oriente Médio.^[9] Além desta colonização natural, o *P. domesticus* foi introduzido em muitas partes do mundo fora de seu habitat natural, incluindo a América, a África subsaariana e a Austrália. O *P. montanus* também foi introduzido artificialmente em menor escala, com populações na Austrália e localmente em Missouri e Illinois, nos Estados Unidos.^[9] Sua chegada ao Brasil foi por volta de 1903 (segundo registros históricos), quando o então prefeito do Rio de Janeiro, Francisco Pereira Passos, autorizou a soltura deste pássaro exótico proveniente de Portugal.^[10]



Um bando de *P. luteus* perto do Mar Vermelho, no Sudão.

Comportamento



Um *P. domesticus* macho alimentando um filhote

As espécies do gênero *Passer* constroem um ninho desordenado, que, dependendo da espécie e da disponibilidade no local do ninho, pode ser em um arbusto ou árvore, em um orifício natural numa árvore, em um edifício, ou mesmo um ninho de outras espécies, tais como a cegonha-branca. Bota até oito ovos e é incubado por ambos os pais, normalmente por 12 a 14 dias, mas pode chegar de 14 a 24 dias.

Se alimentam principalmente de sementes, embora também consumam pequenos insetos, especialmente no período de reprodução. Algumas espécies, como o *P. griseus* procuram comida em torno das cidades e são quase onívoros.^[11] A maioria das espécies são gregários e formam bandos substanciais.^[6]

Arara-azul

A arara-azul é uma ave psittacíforme da família Psittacidae.

Conhecida também como arara-azul-grande, arara-preta (Mato Grosso), arara-una ("una" significa "negro" em tupi) e arara-hiacinta.

Em 1988 a população total da espécie foi estimada em apenas 2500 indivíduos. Encontra-se ameaçada de extinção devido à destruição de seus habitats e ao comércio ilegal. Neste ano de 2014 a arara-azul-grande subiu uma posição na lista vermelha da IUCN, agora sendo classificada como "vulnerável" (VU).

Devido ao combate ao comércio ilegal e à criação de reservas ecológicas, o número de indivíduos dessa espécie cresceu um pouco para, aproximadamente, 4000 em 2010. Há ainda programas de conservação no Pantanal para plantio de Manduvi, e distribuição de ninhos artificiais que podem estar contribuindo para o aumento populacional deste Psitacídeo.

Nome Científico

Seu nome científico significa: do (grego) *anodón* = sem dente, desdentado, e *rhunkos* = bico; e do (latim) *hyacinthina*, *hyacinthinus*, com origem no (grego) *huakinthos* = do jacinto; = referente a flor azul do jacinto europeu. ⇒ (Ave da cor) do jacinto com bico desdentado.

Características

Ela pode atingir 100 centímetros de altura e tem uma envergadura de 140 centímetros. Pesa cerca de dois quilos. Coloração inconfundível, principalmente azul intensa, com diferentes tonalidades. Base do bico e anel ocular nus e de cor amarela, partes internas das asas e cauda negras.

Gigante entre as araras, a arara-azul-grande é considerada o maior representante da família em todo o mundo.



arara-azul adulto



arara-azul jovem

Subespécies

Não possui subespécies.

Alimentação

A Arara-azul-grande tem sua alimentação especializada em frutos de palmeiras. No Pantanal Matogrossense ela se alimenta de coquinhos bocaiúva (*Acrocomia totai*) e acuri (*Scheelea phaleata*). Na região de encontro entre o Piauí, Tocantins, Maranhão e Bahia, ela se alimenta de piaçava (*Atalea funifera*) e de catolé (*Syagrus cearensis*). Já na região de Carajás e Altamira a espécie se alimenta de inajá (*Maximiliana regia*), de babaçu (*Orbignya phalerata*), de tucum (*Astocarym sp.*), de gueroba (*Syagrus oleracea*), de alguns frutos de acuri (*Scheelea phalerata*) e de bocaiúva (*Acrocomia aculeata*) (Guedes, 1993; Presti et al., 2009).



arara-azul se alimentando

Reprodução

No Pantanal, cerca de 90% dos ninhos são encontrados em apenas uma espécie de árvore, o manduvi (*Sterculia apetala*) e no Pará, em *Sterculia prunensis* (Guedes, 1993; Presti et al., 2009). Na região nordeste, ela ainda pode usar paredões rochosos para nidificar (Collar, 1997). A arara passa boa parte da vida em casal e põe de 1 a 3 ovos que são incubados por cerca 27 a 30 dias, sendo que geralmente apenas 1 filhote sobrevive. O filhote permanece no ninho em média por 107 dias. Após a saída do ninho, os jovens ainda são dependentes dos pais para alimentação, sendo que a separação deles geralmente ocorre após 12 a 18 meses (Guedes, 1993). Devido a esses fatores a arara faz apenas uma postura por ano, ou por vezes apenas a cada 2 anos.



Casal de arara-azul



Ninho de arara-azul

Hábitos

Na região do Pantanal, são encontradas em áreas abertas, nas matas que possuem palmeiras, enquanto seus ninhos estão localizados na borda ou interior de cordilheiras e capões, bem como em áreas abertas para o pasto. Na região do Pará, utiliza as florestas úmidas, preferindo locais de várzeas ricas em palmeiras. Nas regiões mais secas (TO, PI, MA e BA), é comum encontrá-las em áreas sazonalmente secas, preferindo os platôs e vales dos paredões rochosos, nesta região faz ninhos em ocos de palmeiras (TO), árvores emergentes (PA) ou em falhas de paredões rochosos (PI) (www.projetoararaazul.org.br). Vive em casais, grupos familiares ou pequenos bandos.



Bando de arara-azul

Distribuição Geográfica

Presente sobretudo no Brasil, nos estados de Mato Grosso (Pantanal), Mato Grosso do sul, Tocantins (Carií do Tocantins), Goiás (rio Tocantins), Minas Gerais (médio São Francisco), Bahia (alto rio Preto), sul do Piauí (Corrente) e no Maranhão, Pará (Transamazônica e leste do Estado) e Amapá (próximo ao rio Amazonas). Encontrada também na Bolívia, próximo da divisa com o Brasil e norte do Paraguai. Reportada como provável para o rio Maporí no sudeste da Colômbia (Vaupés).



Ocorrências registradas no WikiAves

Referências

- Collar, N.J. 1997. Family Psittacidae (Parrots). In: Del Hoyo, J., Elliot, A.E., Sargatal, J. (eds.). Handbook of the Birds of the World, vol.4, Lynx Edicions, Barcelona, Pp: 280-477.
- FOLHA DE SÃO PAULO, edição eletrônica de 24 de julho de 2010.
- Guedes, N.M.R. 1993. Biologia Reprodutiva da Arara Azul (*Anodorhynchus hyacinthinus*) no Pantanal-MS, Brasil. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, Piracicaba.
- Mahecha, José Vicente Rodríguez; Suárez, Franklin Rojas; Arzuza, Diana Esther; Hernández, Andrés Gonzáles. *Loros, Pericos & Guacamayas Neotropicales*. Panamericana Formas e Impresos S.A., Bogotá D.C., 2005, Pág. 51.
- Portal Brasil 500 Pássaros, Arara-azul-grande. Disponível em: <http://webserver.cln.gov.br/Pass500/BIRDS/1birds/p105.htm>. Acessado em: 06 mai. 2009
- Presti, F.T., Oliveira-Marques, A.R, Silva, G.F., Miyaki, C.Y., Guedes, N.M. 2009. Notas sobre alguns aspectos da biologia da arara-azul (*Anodorhynchus hyacinthinus*) (Psittaciformes: Psittacidae) na região do Carajás, Pará. *Atualidades Ornitológicas* 151: 4 – 7.
- *The encyclopedia of birds*. International Masters Publishing, New York, 2007, Pág. 537.
- CLEMENTS, J. F.: *The Clements Checklist of Birds of the World*. Cornell: Cornell University Press, 2005.

Galeria de Fotos

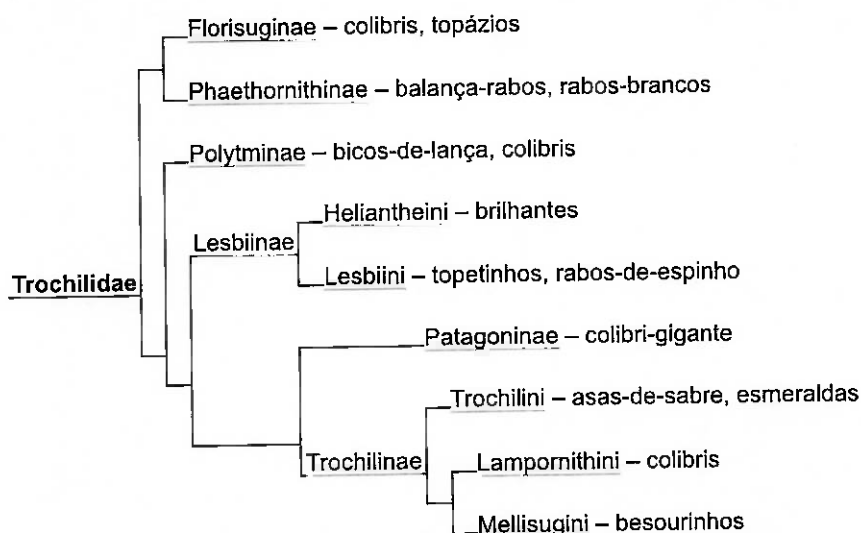




Beija-flor

Os **beija-flores**, também denominados **colibris**, são termos comuns que se referem à qualquer uma de 362 espécies classificadas dentro de 113 gêneros reconhecidos, e se encontrando distribuídos desde o sul do Alasca ao extremo sul da Patagônia, no arquipélago da Terra do Fogo;^{[4][5]} embora grande parte das espécies se encontre na região dos trópicos equatorianos. São aves pequenas, com uma parcela significativa de suas espécies medindo entre 7,5 e 13 centímetros de comprimento, embora algumas sejam muito maiores ou, até muito menores.^[6] Dentre todos as espécies descobertas, sua maior espécie é o beija-flor-gigante (*Patagona gigas*), uma ave monotípica e monofilica, ao que a menor é o beija-flor-abelha (*Mellisuga helenae*).^[7] Cientificamente, os beija-flores estão classificados dentro da família dos troquilídeos (Trochilidae) que, por sua vez, está localizada dentro da ordem dos Apodiformes, que é constituída por pequenas aves com asas grandes e pés pequenos atrofiados, com garras nas pontas, usados para se empoleirar ou pousar.^[8] Sendo restritos ao continente americano, têm seu **nicho ecológico** preenchido no Velho Mundo pelos nectaríídeos.^[9] Existem, ainda, evidências de fósseis de algumas aves europeias pré-históricas, descobertos na região sudeste da França e Alemanha e datados do Paleogeno, que se assemelham aos beija-flores **morfologicamente**, mas extremamente divergentes no âmbito genético.^{[10][11][12]} Em inglês, são chamados de "hummingbirds".^[13]

A **história natural** dos beija-flores se inicia ainda nos primórdios da zoologia e, subsequentemente, da **ornitologia**, iniciando-se com descrições realizadas pelo sueco Carlos Lineu, e publicadas na **décima edição do *Systema Naturæ***, estas locadas no gênero *Trochilus*, que, posteriormente, se tornaria o gênero-tipo da subfamília dos troquilíneos, dentro da família. Hoje, a maioria dos identificadores taxonômicos classifica-os dentro da ordem Apodiformes, porém, a BirdLife International considera-os pertencentes aos Caprimulgiformes, ao que a Lista de Aves de Sibley–Monroe, publicada originalmente em 1990, classifica os beija-flores dentro de uma ordem monotípica, que foi conhecida por **Trochiliformes**.^{[14][15]} Os beija-flores se encontram divididos em seis subfamílias, além de mais seis tribos, respectivamente, os troquilíneos (inclui tribos Trochilini, Mellisugini e Lampornithini), os fetornitíneos, os lesbíneos (que inclui as tribos Lesbiini e Heliantheini), os politmíneos, os florisugíneos e os patagoníneos.^{[16][17][18]} Entretanto, até a década de 2010, esta família incluía apenas as duas primeiras subfamílias, porém, diversos estudos **filogenéticos moleculares** confirmaram uma divisão de nove clados existentes neste **táxon**.^[19] O cladograma abaixo foi realizado através dos **estudos filogenéticos** publicados por McGuire et al.:



Estas aves são conhecidas no português brasileiro como **beija-flores**, e no português europeu como **colibris**, entretanto, outros nomes populares incluem **cuitelo**, **cuitelinho**, **guanambi**, **guanumbi**, **guinumbi**, **guainumbi**, **pica-flor**, **chupa-flor**, **chupa-mel** e **suga-flor**, e em guarani, estas aves são conhecidas popularmente como **mainoi**.^{[20][21]} Além disso, muitas espécies têm nomes específicos às mesmas, como os **calçudos** dos gêneros *Haplophaedia* e *Eriocnemis*, bem como os **balança-rabos** dos

Beija-flor

Intervalo temporal: 30–0 Ma

PreЄ OSD C P T J K Pgk
Rupeliano



Ilustração por Ernst Haeckel de várias espécies: a imagem mostra um melisugíneo, três politmíneos, quatro lesbíneos, um florisugíneo, um fetornitíneo e dois helianteíneos

Classificação científica

Reino: **Animalia**
 Filo: **Chordata**
 Classe: **Aves**
 Infraclasse: **Neognathae**
 Superordem: **Caprimulgimorphae**
 Ordem: **Caprimulgiformes**
Apodiformes

Família: **Trochilidae**
 Vigors, 1825

Espécie-tipo

Trochilus polytmus
 Linnaeus, 1758

Subfamílias^{[1][2]}

6,
 incluindo Trochilinae e Phaethornithinae

Sinónimos^[3]

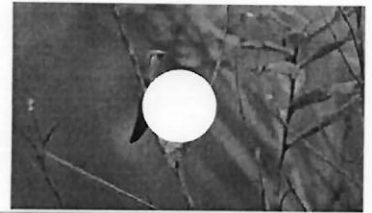
Trochiliformes

gêneros *Glaucis* e *Threnetes*, os rabos-brancos, os **cometas** de *Sappho*, *Polyonymus* e *Taphrolesbia*; e os bicos-de-lança, além de nomes exóticos como os helianjos, os metaluros ou os incas.^[22] A maioria dos beija-flores brasileiros possui distribuição na região nordeste do país, em altitudes entre 500 e 1500 metros acima do nível do mar. A maior biodiversidade destas aves ocorre nas regiões andinas da Colômbia e Equador;^[23] no Brasil, terceiro país com a maior biodiversidade do mundo, apresenta cerca de 84 espécies, com 16 sendo endêmicas.^[24] A maioria dos beija-flores é residente, com algumas espécies realizando migrações sazonais ao sul. São polinizadores e forrageadores, e se alimentam principalmente do néctar das flores nativas ou introduzidas — onde introduzem sua língua dentro das flores, sugando o pólen e o néctar —,^{[25][26]} e complementando sua dieta alimentando-se de pequenos insetos e outros artrópodes.^[27] A maioria de suas espécies é sexualmente dimórfica, onde as fêmeas apresentam cores mais opacas e, às vezes, os machos podem ser menores.^[28] A maioria destas aves são extremamente territorialistas, competindo com insetos, outros beija-flores e, ainda, com aves muito maiores, como os fura-flores.^{[29][30][31]} Nesse contexto, as espécies menos competitivas são submissas e frequentemente assediadas pelas espécies mais agressivas.

Características Físicas

Os beija-flores são aves de pequeno porte, que medem em média de 6 a 12 centímetros de comprimento e pesam de 2 a 6 gramas. A maioria dos bicos é normalmente longa, mas o formato preciso varia bastante com a espécie e está adaptado ao formato da flor que constitui a base da alimentação de cada tipo de beija-flor. Uma característica comum entre essas aves é a língua bifurcada e extensível, usada para extrair o néctar das flores.

O esqueleto e constituição muscular dos beija-flores estão adaptados de forma a permitir um voo rápido e extremamente ágil. São as únicas aves capazes de voar em marcha-ré e de permanecer imóveis no ar. A pulsação das asas é muito rápida e pode ultrapassar a razão de 80 batidas por segundo. Em contraste, as patas dos beija-flores são pequenas demais para a ave caminhar sobre o solo. As fêmeas são, em geral, maiores do que os machos, mas apresentam coloração menos intensa. Vivem, em média, 12 anos e seu tempo de incubação é de 13 a 15 dias.



Beija-flor-de-bico-curvo alimentando filhotes

Comportamento

Tal como a maioria das aves, o olfato não está muito desenvolvido nos beija-flores; a visão, no entanto, é muito apurada. Além de poderem identificar cores, os beija-flores são dos poucos vertebrados capazes de detectar cores no espectro ultravioleta.

A alimentação dos beija-flores é baseada em néctar (cerca de noventa por cento) e artrópodes, em particular moscas e formigas.

Os beija-flores são poligâmicos.



Eupetomena macroura, tesoura.
Espécime brasileiro de beija-flor em seu ninho



Rouxinol

O **rouxinol** (nome científico: *Luscinia megarhynchos*), também conhecido como **rouxinol-comum**^[2] ou **rouxinol-meridional**^[3], é uma espécie de ave passeriforme anteriormente classificada como um membro da família Turdidae, porém estudos filogenéticos mostraram que a ave pertencente à família dos muscicapídeos, que são restritos ao Velho Mundo.

O rouxinol foi catalogado como "pouco preocupante" pela Lista Vermelha da IUCN.^[1]

O canto do rouxinol tem sido descrito como um dos sons mais bonitos na natureza, inspirando canções, contos de fadas, ópera, livros e uma enorme quantidade de poesia.^{[4][5]}

Normalmente, esta pequena ave esconde-se no meio de vegetação densa e raramente pousa à vista.^[6]

Descrição

É uma espécie insectívora e migratória estival, procriando em florestas e moitas na Europa e no sudoeste da Ásia. A sua distribuição estende-se mais a sul do que o seu parente próximo *Luscinia luscinia*. Nidifica no chão, dentro ou perto de densos arbustos. Inverna no sul de África. Pelo menos na Renânia (Alemanha), o habitat de reprodução dos rouxinóis está de acordo com certo número de parâmetros geográficos.^[7]

- menos de 400 m (1300 ft) acima do nível do mar
- temperatura durante a época de crescimento acima de 14 °C (57 °F)
- mais de 20 dias/ano em
- precipitação anual menor que 750m
- índice de aridez inferior a 0,35
- longe de dosseis flores

Aparência e canto

O rouxinol é um pouco menor que o pisco-de-peito-ruivo, com 15–16,5 cm (5,9–6,5 in) de comprimento. É castanho claro em cima, excepto a cauda ligeiramente avermelhada e branco sujo em baixo. Os sexos são similares. É uma ave tímida, escondendo-se geralmente no meio da vegetação densa e raramente se deixa ver.

Rouxinol-comum



Um rouxinol adulto em Espanha

Estado de conservação

Extinto Ameaçado Pouco preocupante

EX EW CR EN VU NT **LC**

Pouco preocupante (IUCN 3.1) ^[1]

Classificação científica

Reino: **Animalia**

Filo: **Chordata**

Classe: **Aves**

Ordem: **Passeriformes**

Família: **Muscicapidae**

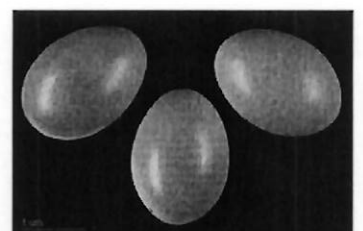
Género: ***Luscinia***

Espécie: ***L. megarhynchos***

Nome binomial

Luscinia megarhynchos
 Brehm, 1831

Distribuição geográfica



Luscinia megarhynchos megarhynchos - MHNT



Canto de um rouxinol macho.

5:02

Problemas ao reproduzir este arquivo? Veja ajuda sobre mídia.

O canto destas aves pode ouvir-se a partir de finais de março ou princípios de abril, mas em junho começa a calar-se e, em agosto, abala com destino a África.^[8]

O rouxinol pode ser ouvido a cantar de dia e de noite. Escritores antigos afirmavam que era a fêmea que cantava, quando é de facto o macho a fazê-lo. O canto é muito alto, com uma impressionante variedade de assobios, trinados e gorgolejos e é particularmente audível à noite, porque, sendo uma ave tímida, poucas aves estão cantando e o som se propaga por maiores distâncias. É por essa razão que o seu nome inclui a palavra "noite" em muitos idiomas. O canto de um rouxinol adulto contém mais de duzentas e cinquenta variações.

Apenas os machos sem par cantam regularmente de noite, e o canto noturno serve para atrair uma parceira. O canto de madrugada, um pouco antes do nascer do sol, é assumido como sendo importante na defesa do território da ave. Os rouxinóis cantam ainda mais alto em zonas urbanas, para superarem o ruído de fundo. O traço mais característicos do canto é o seu alto e contínuo crescendo ao contrário do seu parente próximo *Luscinia luscinia*, que tem um canto parecido com o som de alarme de um sapo.

Simbolismo

O rouxinol é um símbolo importante para poetas de várias idades, acabando por assumir uma série de conotações simbólicas. Homero evoca o rouxinol na *Odisseia*, sugerindo o mito de Filomela e Progne (onde uma das duas, dependendo da versão do mito, se transforma num rouxinol^[9]).^[10] Este mito é também foco na tragédia de Sófocles, *Tereus*, onde apenas alguns fragmentos se mantêm. Ovídio, também, na sua *Metamorfoses*, inclui a versão mais popular deste mito, imitado e alterado por outros poetas, incluindo Chrétien de Troyes, Geoffrey Chaucer, John Gower, e George Gascoigne. "The Waste Land", de T.S. Eliot, também evoca o canto do rouxinol (e o mito de Filomela e Progne).^[11] Por causa da violência associada ao mito, o canto do rouxinol foi durante longo tempo associado a um lamento.

O rouxinol também tem sido usado como um símbolo dos poetas ou da sua poesia.^[12] Os poetas escolheram o rouxinol como um símbolo por causa da sua música criativa e aparentemente espontânea.

"Aves", de Aristófanes e também Calímaco, ambos evocam o canto da ave como uma forma de poesia. Virgílio compara o luto de Orfeu com o "lamento do rouxinol".^[13]

No soneto "Sonnet 102", Shakespeare compara a sua poesia de amor ao canto do rouxinol (Filomela):

"Nosso amor era novo, e, em seguida, na Primavera,
Quando eu estava acostumado a saudá-la com a minha disposição;
Como Filomela canta no acaso do Verão,
E pára de assobiar no crescimento de dias mais maduros:"

Durante a era do Romantismo, o simbolismo da ave voltou de novo a mudar: os poetas viam a ave não apenas como um poeta no seu pleno direito, mas também como "mestre na arte superior que conseguia inspirar qualquer poeta humano".^[14]

Para alguns poetas românticos, o rouxinol começou a ter mesmo as qualidades de uma musa. Coleridge e Wordsworth viam o rouxinol como um exemplo singular de criação poética: o rouxinol tornava-se a voz da natureza. No seu poema "Ode ao Rouxinol", John Keats imagina o rouxinol como o poeta ideal que alcançou a poesia que Keats ansiava por escrever. Invocando uma concepção semelhante do rouxinol, Percy Bysshe Shelley escreveu no seu "Uma Defesa da Poesia":

"Um poeta é um rouxinol que se senta na escuridão e canta com doces sons para alegrar a sua própria solidão; os seus ouvintes são como homens encantados com a melodia de um músico invisível, que sentem que estão a ser movidos e suavizados, mas não sabem de onde ou porquê".

Cultura popular

- O *Aēdōn* (Grego: Ἀηδών, "Rouxinol") é uma personagem menor na tragédia de Aristófanes de 414 a.C. "As Aves".
- O "Mocho e o Rouxinol" (século XII ou XIII), é um poema em Inglês médio sobre um diálogo entre estas duas aves.
- "A Nightingale Sang in Berkeley Square" (pt: *Um Rouxinol Cantou na Praça Berkeley*) era uma das mais populares canções no Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial.
- "Ode ao Rouxinol" de John Keats foi descrito por Edmund Clarence Stedman como "umas das nossas líricas em inglês que me parece... o mais próximo da perfeição, o último que iria entregar"^[15] e por Algernon Charles Swinburne como "uma das grandes obras primas de todos os tempos e de todas as idades".^[16]
- O soneto de John Milton "Ao Rouxinol" contrasta com o simbolismo do rouxinol como uma ave para apaixonados, com o cuco como um pássaro que era chamado quando esposas eram infiéis (ou "traídas") pelos seus maridos.
- O amor do rouxinol pela rosa é muito usado, muitas vezes metaforicamente, na literatura persa.^[17]
- A beleza do canto do rouxinol é tema de um conto de Hans Christian Andersen "O Rouxinol" (1843).^[18]
- Em "A Ave das Sombras e a Ave-Sol", um conto de fadas de Maud Margaret Key Statwell, uma jovem menina deseja ser um rouxinol.
- Um rouxinol está representado no reverso de uma moeda de 1 *kuna* na Croácia desde 1993.^[19]
- Uma gravação de um canto de um rouxinol está incluído em "The Pines of Janiculum", o terceiro movimento do poema sinfónico de Ottorino Respighi "Pini di Roma" (*Pináculos de Roma*) (1924).



Falcão

Falcão é o nome genérico dado a várias aves da família *Falconidae*, mais estritamente aos animais classificados dentro do género *Falco*, mas algumas espécies também são conhecidas pelo nome genérico **peneireiro**, devido ao hábito que têm de peneirar para caçar.^[1] Os falcões são as menores aves de rapina medindo cerca de 15 a 60 cm de comprimento. São também muito leves pesando entre 35 g a 1,7 kg. O que diferencia os falcões das demais aves de rapina é o fato de terem evoluído no sentido de uma especialização no voo em velocidade (em oposição ao voo planado das águias e abutres e ao voo acrobático dos gaviões), facilitado pelas asas pontiagudas e finas, favorecendo a caça em espaços abertos — daí o fato dos falcões não serem aves de ambientes florestais, preferindo montanhas e penhascos, pradarias, estepes e desertos.

Os falcões podem ser identificados pelo fato de não planarem em correntes termais, como outras aves de rapina. O falcão-peregrino, especializado na caça de aves médias e grandes em voo, pode atingir 430 km/h em voo picado e é o animal mais rápido da terra. Diferentemente das águias e gaviões, que matam suas presas com os pés, os falcões utilizam as garras apenas para apreenderem a presa, matando-a depois com o bico por desconjuntamento das vértebras, para o que possuem um rebordo em forma de dente na mandíbula superior.

Na Idade Média, os falcões eram apreciados como animais de caça acessíveis apenas à elite (reis e nobreza).

O falcão desempenha uma função muito importante nos aeroportos, pois afasta as aves que poderiam colidir com um avião durante a sua aterragem e descolagem.^[2]

Etimologia

"Falcão" é derivado do termo do latim tardio *falcone*.^[3]

Espécies

- Peneireiro-das-torres, *Falco naumanni*
- Peneireiro-vulgar, *Falco tinnunculus*
- Peneireiro-africano, *Falco rupicolus*
- Peneireiro-malgaxe, *Falco newtoni*
- Peneireiro-das-maurícias, *Falco punctatus*
- Peneireiro-da-reunião, *Falco duboisi*
- Peneireiro-das-seichelles, *Falco araea*
- Peneireiro-das-molucas, *Falco moluccensis*
- Peneireiro-australiano, *Falco cenchroides*
- Falcão-americano ou quiriquiri, *Falco sparverius*
- Peneireiro-d'olho branco, *Falco rupicoloides*
- Peneireiro-vulpino, *Falco alopex*
- Peneireiro-ardósia, *Falco ardosiaceus*
- Peneireiro-de-dickinson, *Falco dickinsoni*
- Peneireiro-listado, *Falco zoniventris*
- Falcão-de-çuca-vermelha, *Falco chicquera*
- Falcão-de-pés-vermelhos, *Falco vespertinus*
- Falcão-do-amur, *Falco amurensis*
- Falcão-da-rainha, *Falco eleonora*

Falcão



Classificação científica

Reino: Animalia
 Filo: Chordata
 Classe: Aves
 Ordem: Falconiformes
 Família: Falconidae
 Género: ***Falco***

Espécies

Ver texto



Falco amurensis

- Falcão-sombrio, *Falco concolor*
- Falcão-de-coleira, *Falco femoralis*
- Esmerilhão, *Falco columbarius*
- Cauré, *Falco rufigularis*
- Falcão-de-peito-laranja, *Falco deiroleucus*
- Ógea-eurasiática, *Falco subbuteo*
- Ógea-africana, *Falco cuvierii*
- Ógea oriental, *Falco severus*
- Ógea-australiana, *Falco longipennis*
- Falcão-maori, *Falco novaeseelandiae*
- Falcão-berigora, *Falco berigora*
- Falcão-cinzentos, *Falco hypoleucos*
- Falcão-preto, *Falco subniger*
- Falcão-lanário, *Falco biarmicus*
- Falcão-caçador ou falcão-lágar, *Falco jugger*
- Falcão-sacre, *Falco cherrug*
- Falcão-gerifalte, *Falco rusticolus*
- Falcão-das-pradarias, *Falco mexicanus*
- Falcão-peregrino ou falcão-real, *Falco peregrinus*
- Falcão-taita, *Falco fasciinucha*

*Falco naumanni*

Referências

1. Aves do Mundo PT. «*Falconidae* (Falcões e caracaras)»
2. «Aviões: falcões são a «melhor tecnologia»». *tvi24*. 16 de janeiro de 2009. Consultado em 4 de setembro de 2016
3. FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Segunda edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.753

Ligações externas

- Avibase (em inglês)

Obtida de "<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Falcão&oldid=67968779>"